

**- reafirma, em Lisboa, Sérgio Vieira a propósito do assassinato de Evo Fernandes**

Na sequência do assassinio, o ano passado, perto de Lisboa, do cabecilha da componente externa do banditismo armado que actua no nosso País, Evo Fernandes, começou a surgir com certa frequência na Imprensa portuguesa alegações sobre um pretenso envolvimento das autoridades moçambicanas neste caso. A propósito deste assunto, o membro do Comité Central do Partido Frelimo e Director do Centro de Estudos Africanos da Universidade Eduardo Mondlane, Sérgio Vieira, concedeu recentemente uma entrevista ao semanário português «Europeu», que passamos a transcrever na íntegra:

Tem sido hábito dos mandantes destes crimes acusar a Frelimo ou o Governo de Moçambique, disse Sérgio Vieira, Director do Centro de Estudos Africanos da Universidade Eduardo Mondlane do Maputo ao «Europeu», a propósito do pretenso envolvimento de diplomatas moçambicanos no assassinato do dirigente da RENAMO, Evo Fernandes. Encontrámos Sérgio Vieira, na Gulbenkian, durante o Congresso dos Escritores de Língua Portuguesa. Chefiava a delegação moçambicana, constante de nomes já feitos na literatura daquele país. Sérgio Vieira aderiu, desde muito cedo, à luta de libertação pela independência de Moçambique, desempenhou cargos de primeiro plano durante todo o percurso: membro do Comité Central do Partido, Governador do Banco de Moçambique, Ministro da Segurança e, actualmente, Director do Centro de Estudos Africanos da Universidade Eduardo Mondlane.

Aceitou falar connosco sobre o episódio «Evo Fernandes», mas sublinhou que o fazia a título particular, embora tivesse consciência clara do que ele próprio representa no seu país. O «Europeu» noticiou, na sexta-feira, que o Tribunal de Instrução Criminal iria acusar Rafael Custódio Marques, terceiro Secretário da Embaixada de Moçambique em Lisboa, de ter sido o principal «instigador» do atentado contra Evo Fernandes. Américo Manthewe, da Embaixada em Paris, teria fornecido, segundo a acusação, meios materiais de apoio à fuga.

**METODOLOGIA MOÇAMBICANA**

«Não posso comentar exactamente o assassinato do senhor Evo Fernandes, mas posso falar da metodologia do tipo de acção de Moçambique» disse Sérgio Vieira, que falando com fluência, acrescentou: «Nós temos experiência de sofrer assassinatos políticos. Em 1969, foi assassinado Mondlane e a Frelimo foi acusada de

o ter assassinado. Antes tinha sido assassinado Filipe Samuel Magaia e a Frelimo foi acusada de o haver assassinado. Em 1963/4 foi assassinado Jaime Gaupe, na Zâmbia e também fomos acusados. Mais recentemente, fomos acusados, no primeiro momento, do assassinato de Samora Machel e seus companheiros.

Repensando a história do banditismo armado, vemos que Orlando Cristina foi assassinado e dentro de um campo militar da África do Sul. Fomos acusados.

Os irmãos Bomba foram assassinados pela Intelighentsia Militar sul-africana. Fomos acusados.

Ultimamente foram assassinados, no Malawi, João Ataíde (ex-Embaixador moçambicano em Lisboa) e um outro elemento também dos bandidos. Fomos acusados.

Nós nunca estivemos envolvidos nesses crimes. O tempo foi demonstrando os verdadeiros autores, inclusive, com testemunhas.

Nós fomos e somos objecto de tentativas de rapto de dirigentes, de assassinatos, mas nós nunca jogámos esse jogo. Durante a guerra colonial mandaram um livro com uma bomba a Mondlane. Fazer um livro com uma bomba toda a gente sabe. Por que é que nós nunca mandámos um livro desses a Kaulza de Arriaga, a Marcelo Caetano, etc? Por que é que nós, nunca nos metemos no assassinato político, como aconteceu quando a Ruth First foi assassinada em Maputo com a carta-bomba? Por que não mandámos uma carta-bomba ao general sul-africano, Van der Westhuisen, ou ao general Malan, ou ao presidente? Porque não está na nossa metodologia.»

**O SISTEMA É QUE CONTA**

Sérgio Vieira acrescentou que não estava na metodologia da Frelimo o assassinato político, por várias razões: «Que significado tem liquidar um Orlando Cristina, ou um Evo Fernandes ou os irmãos Bomba? Nada. Que iríamos atingir com isso? Acabar com o banditismo? Eles não são o banditismo. Eles são seus instrumentos, meros servidores, meros moleques.

O que é preciso é ir ter com o «patrão». Mas o «patrão» é uma pessoa? O «patrão» é um sistema determinado, o sistema do «apartheid», que organizou a agressão contra nós, da mesma forma que no tempo colonial, o sistema do colonialismo levava a guerra contra o nosso povo.

Não faz sentido tentar matar tal comandante, tal general, tal governador, substituíveis com muita facilidade.

Para além de nada servir, e um objectivo que eticamente nos repugna profundamente. Moçambique sempre recusou o princípio do terrorismo. Não é por acaso que durante a guerra de libertação nunca pusemos bombas em cafés ou cinemas ou supermercados. Não é por acaso que, durante a guerra da Rodésia, e nós tivemos combatentes dentro da Rodésia, nunca nos envolvemos em terrorismo. Corresponde a uma ética determinada: a nossa maneira de ser e de combater, uma maneira de servir um objectivo que é nobre, não pode ser degradada por meios infames.

**O NOSSO GOVERNO NÃO MENTE**

O nosso Ministério dos Negócios Estrangeiros já fez uma declaração sobre as acusações quanto ao envolvimento no assassinato do senhor Evo Fernandes. O nosso Governo é responsável, não se põe a mentir à direita e à esquerda. Isso é próprio de outros. Olhem para a África do Sul, como eles se contradizem e como os factos vão desmentindo a falsidade das suas afirmações. Nós não gostamos de mentir.

**ARTIMANHAS DE MANDANTES**

— Mas não admite que funcionários moçambicanos tenham agido à margem dessa metodologia, sem instruções superiores? O Tribunal de Instrução Criminal menciona nomes em concreto e até montantes de dinheiro para a execução da operação que teria sido entregue aos autores materiais do assassinato.

— Li, de facto, hoje dois nomes no jornal. Um é funcionário do protocolo da nossa Embaixada em Paris, outro é terceiro Secretário em Lisboa. Este, ainda há dias viajou comigo do Maputo para aqui. Tinha ido buscar a sua mulher, com quem casara recentemente. Não é crível que alguém, participante num assassinato, venha para o local do crime com a sua família recém-formada.

— Mas o Tribunal acusa-os, a avaliar pelas informações que temos.

.../2  
↓

N. 14/3/89

— Também estamos habituados a ver os mandantes dos crimes servirem-se das maiores artimanhas. Não é novo. Os mandantes sabem muito bem o que fazer para distrair as atenções das suas pessoas.

#### SERÁ PROVOCAÇÃO?

— E quanto à presença de elementos da RENAMO, em Lisboa, as relações entre Moçambique e Portugal, não têm sido afectadas?

— Foi matéria posta várias vezes ao nível dos Estados, inclusive de comunicados ao nível de cimeiras de Chefes de Estado dos Países Africanos de Língua Portuguesa.

É óbvio que nós notamos um melhoramento nas relações com Portugal e esperamos que Portugal assumas as suas responsabilidades.

No entanto, sempre que se desenha uma aproximação maior entre nós, surge este tipo de provocações. Prepara-se uma visita do Primeiro-Ministro de Portugal a Moçambique e surge este episódio. Será coincidência? Será uma acção deliberada? A quem serve este tipo de provocações?

#### NÃO SE FALA DO ESCÂNDALO

Eu vejo que se faz um certo escândalo porque Evo Fernandes foi morto. Devo dizer que o assassinato é qualquer coisa que repugna à consciência de uma pessoa minimamente civilizada, com um mínimo de ética. Mas isto merece-me alguma reflexão. Em Moçambique, desde o momento em que a África do Sul tomou conta do banditismo vindo da Rodésia, foram assassinadas 600 mil pessoas. Obra desse banditismo armado, criado pelo meu amigo, coitado, já morreu, K. Flower, que o transferiu para a Intelligentsia Militar sul-africana. Ele próprio reconheceu a sua paternidade. Ainda me lembro do almoço que tive com ele, pouco tempo antes de morrer, em

que me disse que qualquer pessoa pode ser pai de um Frankenstein.

600 000 pessoas morreram na minha Pátria, 100 mil directamente assassinadas, segundo estimativas conservadoras, como aponta o relatório Gerson, 500 000 morreram em consequência da instrumentalização que se faz das calamidades naturais e das calamidades criadas pelos homens: pela fome, pela falta de assistência médica, por se impedir a assistência de emergência às vítimas, pela deslocação das populações.

Um milhão de casas de camponeses pobres foram destruídas, 4 milhões de pessoas que ficaram sem lar. Tenho no meu país 3 000 escolas que foram destruídas, 400 professores primários assassinados, raptados, mutilados. Cerca de 900 hospitais rurais foram saqueados e destruídos.

Ninguém fala deste escândalo.

Temos 10 000 milhões de dólares de destruições sofridas o que significa, praticamente, quatro vezes o total da dívida externa moçambicana. Ninguém fala disso.

#### PREJUÍZOS PARA PORTUGAL

Em Portugal, vocês têm prejuízos materiais por causa da agressão terrorista contra Moçambique. O Governo português sofre prejuízos financeiros enormes pela inoperância da Barragem de Cahora Bassa. Cidadãos portugueses, empresas estatais e privadas foram atingidos em Moçambique pela acção terrorista. Portugueses foram raptados e assassinados; ainda há dias, um sacerdote que tinha acabado de chegar a Moçambique, estava lá há 3 meses, na Arquidiocese de Nampula, foi assassinado.

Este é um verdadeiro escândalo, escândalo tanto maior quanto pelo menos, daquilo que eu tenho lido na Imprensa portuguesa, por vezes, os elementos ligados à agressão terrorista se propõem discutir em Lisboa onde residem, com o libertar os reféns. Eu suponho que nos termos do Código Penal isto merece alguma reflexão.

Ninguém fala do escândalo de haver aqui no vosso território cúmplices dos que raptam e assassinam cidadãos portugueses e destroem bens pertencentes ao Estado português e empresas portuguesas.

Não sei se deveríamos falar de um bom ou de um mau terrorismo, sendo bom o que opera em Moçambique e mau o que opera na Europa.